

poemas de circunstância

TÍTULO: Poemas de Circunstância

AUTOR: António Cardoso

Capa: Costa Andrade

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa.

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa. UCCLA.

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 384/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

ANTÓNIO CARDOSO

**poemas
de circunstância**

*LISBOA
MCMLXI*

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso

O A U T O R

ANTÓNIO CARDOSO nasceu em Luanda a 8 de Abril de 1935 onde frequentou o Liceu e hoje exerce a profissão de empregado comercial. É um dos mais dinâmicos elementos da nova geração de intelectuais surgida em Angola em 1958 à volta de «Cultura», jornal da Sociedade Cultural de Angola. Tem colaboração literária em *Cultura*, *Jornal de Angola*, *Mensagem* da C. E. I., e figura na colectânea de «POETAS ANGOLANOS» editada pela Casa dos Estudantes do Império em 1959.

«Poemas de Circunstância», constitui o seu livro de estreia.



a l i e n a ç ã o

Estes são os versos da minha alienação
e do ódio e da razão
que outros homens criaram
em mim.

No entanto,
no fundo seco dos meus olhos
ainda moram crianças loiras e negras
cantando uma qualquer canção de roda infantil!

c o n q u i s t a

Desmedidamente
eu sinto a matéria em mim contida
nas estrelas que vou percorrer no futuro.

Desmedidamente
eu sinto a matéria em mim contida
arrojar-se em tentáculos de braços
cobrindo distâncias de sóis futuros.

Desmedidamente
eu sinto a matéria em mim contida
desdobrar-se em Paz e Amor
levantando irmãos de perdidas lutas.

p o e m a

Prende-me em teus braços de terra
embala-me nesse veleiro de sonho
que levas no andar
conduz-me com a bússola do teu olhar
por todas as procelas do mundo.
Agarrado à consciência valorosa
de homem útil na terra
bastará somente o teu amor
para me completar e merecer a vitória da vida!

á r v o r e d e f r u t o s

Cheiras ao cajú da minha infância
e tens a cor do barro vermelho molhado
de antigamente;
há sabor a manga a escorrer-te na boca
e dureza de maboque a saltar-te nos seios.

Misturo-te com a terra vermelha
e com as noites
de histórias antigas
ouvidas há muito.

No teu corpo
sons antigos dos batuques à minha porta,
com que me provocas,
enchem-me o cérebro de fogo incontido.

Amor és o sonho feito carne
do meu bairro antigo do musseque!

d e s â n i m o

Com a morte cá dentro
que poema de amor e esperança
te posso dar amor?

Árvore desenraizada
murchando à míngua d'água
que não lhe trazes amor,
que poema de amor e esperança
te posso ofertar ainda?

Que venham as crianças amanhã
encher o mundo de balões e risos
que venha o sol fecundante
semear a vida nova que não alcanço
e que a árvore morra de morte natural!

p o e m a

Quando será que este cacimbo nos abandona
e o Sol virá sorrir por cima do meu telhado?

... antigamente, nos meus tempos de menino,
o meu telhado de zinco
tinha uns furos pequenos
por onde espreitava o Sol...

Antigamente...

Quando será que este céu pesado de chumbo nos
[abandona
e aquele azul antigo
virá sorrir por cima do meu telhado?

p o e m a

I

Amanhã,
quando morrer,
eu quero ser enterrado
virado para Oriente;
De pé,
braços cruzados
à espera que nasça o SOL!

Quer seja enterro falado
(Um enterro burguês a valer),
quer seja de pobre-diabo
eu quero ficar assim:
De pé,
braços cruzados
à espera que nasça o SOL!

II

Amanhã
vai nascer um SOL maduro
por cima do meu telhado
de menino rico com tudo.

Amanhã
vai nascer um SOL maduro
por cima do capim podre
dos meninos pobres sem nada.

Depois,
amanhã,
(naquele dia de SOL maduro
como goiava que o morcego quer morder)
O menino rico que mora dentro de mim
mais todos os meninos pobres
que moram dentro do mundo
vamos fazer uma roda grande
e brincar novamente
as brincadeiras do antigamente.

p o e m a

— para o Carlitos —

Sinto que vai chover
mas sinto cá dentro no cérebro a doer
ainda a dor da tua partida, irmão.

Lembras-te, irmão,
daquele vento feito de chuva miúda
que cheirava a barro molhado
e capim verde?
Depois éramos quase nus a correr
pelas pôças e a fazer barcos de papel.

Sinto que vai chover
mas sinto cá dentro nos ouvidos ainda a doer
a dor de não mais te escutar, irmão.

Lembras-te, irmão,
da canção de chuva no telhado de zinco
do nosso quarto pequeno?
E depois era sonhar
que o vento nos levava uivando para longe
para mundos belos e desconhecidos
que acabavam na mangueira grande do quintal.

Sinto que vai chover
e é como se no corpo todo eu sentisse
uma ferida que não sei se é a tua ida
se os nossos tempos que já lá vão.

Mas lembras-te irmão, sequer,
da mangueira grande do quintal?

r o m a n c e

Stela era a minha pequenina namorada
nos tempos da minha infância descuidada!
Para colher o nascer de sol que tinha na boca
eu corria as barrocas e os areais vermelhos do meu
[bairro
e lutava assanhado com outros miúdos brancos e pretos.
De noite, quando havia muitas estrelas
e o céu era um buraco muito escuro
eu deitava-me na areia vermelha e quente do meu bairro
e no seu colo de menina
ficava calado a sentir o tempo passar.
O miúdo Artur cobiçava-me
e que dor grande me doía cá dentro
se os via juntos a falar.

Uma vez, numa noite, de mãos dadas,
sentindo o vento molhado do tempo das chuvas,
eu disse-lhe apontando para o alto:
aquela é a minha estrela, qual é a tua?
E todas as noites
ficávamos deitados naquela minha rua antiga do
[musseque Braga
a espiar as estrelas que brincavam no céu.

Stela era a minha pequenina namorada
nos tempos da minha infância descuidada!

Por ela eu lutava com sardões de todos os tamanhos,
subia cajueiros impossíveis de subir
e era sempre o primeiro nas corridas.
Ela dava-me os santos que escondia de todos
como se fora o tesouro da ilha dos piratas.
E eu ficava muito sério como quando me batiam.
Um dia a minha pequenina namorada deixou o meu
[bairro.

Nesse dia não corri, não lutei,
não subi aos cajueiros do musseque Braga
e os outros miúdos mais novos disseram: está doente.

E à noite, sozinho, procurei as duas estrelas
e chorei como se tivesse apanhado
a maior tarefa da minha vida!

Stela era a minha pequenina namorada
nos tempos da minha infância descuidada.

s a r i t a

Sarita mora no musseque,
sofre no musseque,
mas passeia garrida na baixa
toda vermelha e azul,
toda sorriso branco de marfim,
e os brancos ficam a olhar,
perdidos no seu olhar.
Sarita usa brincos amarelos de lata
penteado de deusa egípcia
andar de gazela no mato,
desce à cidade
e sorri para toda a gente.
Depois, às seis e meia,
Sarita vai viver pró musseque
com os brancos perdidos no seu olhar!

pela calçada da maria da fonte

Pela calçada da Maria da Fonte
manhã cedo, muito cedo,
a caminho da Baixa,
desce um formigueiro negro de povo.
É um rio novo que avança;
rostos duros, olhos mortiços,
deixaram ficar no Musseque
as histórias da noite que dura.

Pela calçada da Maria da Fonte
seis e meia. Os sonhos regressam
com a noite que desce. Pelos caminhos
há olhares, promessas de beijos
e ritmos quentes a transbordar...
Rostos duros, olhos de álcool
lentamente o formigueiro negro de povo
desagua Musseque em fora.

Pela calçada da Maria da Fonte
o povo desce, caminha, rumoreja,
lembra por ora um mar tranquilo
a vencer distâncias antigas.

s ã o p a u l o

Anda no ar
uma cantiga
que sai da roda dos meninos-velhos.
A lua queda-se matreira à espreita
dos pares de namorados
no escuro das cubatas.
Velhas sorriem tristes
com o mistério da vida desvendado
nos olhos sem luz.
Gritos de homens perdidos e bêbados
fendem a noite.
De repente silêncio: passa a ordem armada,
arrastam-se sombras compridas
de cipaios envergonhados.
Homens brancos de todas as classes
farejam as mulatas costureiras da Baixa.
Às vezes um sexo novo
morre à esquina da casa do namorado,
como se uma estrela s'apagasse no céu.

Há recortes de luz em portas e janelas
e sombras aninhadas ouvindo histórias antigas
de guerreiros e feitiços,
d'esperanças, fatalismos e amores impossíveis.
Velhos cachimbam no silêncio
curvados ao desengano da noite que dura.
Clareiras de luz em frente das tabernas
E homens deitados com mulheres de vinte escudos
espremem o desespero das suas vidas roubadas.
Mas há ainda a esperança a compor a paisagem
e que ninguém vê;
a esperança que se deita com elas
e vai com eles;
que salta na cantiga
que sai da roda dos meninos-velhos;
que mora nos olhos dos namorados
que a lua persegue;
que acompanha as mãos nas facadas
e enche os gritos e os silêncios todos do Musseque;
a esperança que ela deixou ir no sexo
e nas lágrimas que então chorou;
a esperança que alimenta o ódio seco do namorado
e lhe enche o coração deserto;
a esperança que os cobre de noite e luar
e s'esconde, quando a ordem armada
aparece com os cipaios envergonhados.

c o m b o i o d e m a l a n g e

Prisioneiro no meu escritório
Sonho as distâncias do mato
Que me traz o apito do comboio
Que arfa
Grande
e
l i v r e
Quando passa.

MINHA TERRA, MINHA TERRA,
[MINHA TERRA
VENHO-DE-LONGE, VOU-PRA-LONGE,
VENHO-DE-LONGE, VOU-PRA-LONGE,

Ainda um dia vou partir
nesse comboio do mato

que tem dor no vagão J
e vou ser como ele
 Que arfa
 Grande
 e
 l i v r e
Quando passa.

Depois
todo povo vai dizer:
MINHA TERRA, MINHA TERRA,
 [MINHA TERRA!]

u m d i a . . .

— ao António Jacinto —

Um dia eu vou fazer um romance
com as histórias da minha rua
antes de se chamar Silva Porto
e os pretos irem embora.

Vai entrar a lua e meninos sem cor
a Domingas quitata, o sô Floriano do talho
com muita mistura de amor
e muito suor de trabalho.

Vou meter as cabras e os cães vadios da velha

[Espanhola,

os batuques da Cidrália e dos Invejados,
os batalhões do «Treze» e do «Setenta e Quatro»,
o bêbado Rebocho, o velho Salambió,
a Joana Maluca da garotada,
cajueiros, cubatas, lixeiras,
capim e piteiras,

e mesmo no fim da história,
quando os homens estão desesperados
e as fardas passam em fila,
acendo um sol de Fevereiro,
semeio algumas esperanças
e parto com o meu veleiro
a dar uma volta ao Mundo!

ÍNDICE

ALIENAÇÃO	7
CONQUISTA	8
POEMA	9
ÁRVORE DE FRUTOS	10
DESÂNIMO	11
POEMA	12
POEMA	13
POEMA	15
ROMANCE	17
SARITA	20
PELA CALÇADA DA MARIA DA FONTE	21
SÃO PAULO	24
COMBOIO DE MALANGE	25
UM DIA	27





